

do *Estúdio Ghibli*, de autoria de Tamura Chihiro, em tradução de Andrei Cunha, Ariel de Oliveira, Guilherme Pedrosa, Ana Maria Pichini e Maria Luísa Vanik. A partir da comparação e da análise das dublagens em inglês de três filmes japoneses e suas versões originais, o autor reflete sobre o processo tradutório, embasado na teoria da tradução audiovisual e na teoria da comunicação intercultural, propondo categorias para explicar o acréscimo de falas na dublagem dos filmes de animação japoneses, os quais, segundo ele, cumprem variadas funções.

A professora Maria Cristina Martins e a aluna e bolsista Luciana Malacarne traduziram o texto de São Jerônimo *Ad Pammachium: de optimo genere interpretandi* (*A Pamáquio: sobre a melhor maneira de traduzir*), no qual ele se defende das acusações de ser um mau tradutor. Neste texto, o autor faz reflexões sobre aspectos implicados no processo de tradução, entre eles, a tradução pelo sentido e a tradução palavra por palavra e as técnicas tradutórias de ampliação e omissão. Além da tradução, as tradutoras apresentam uma breve biografia de São Jerônimo e o contexto de produção desse texto.

Como representante da língua russa, temos o texto *A tradução literária no diálogo entre culturas e literaturas*, de Iulia Leonárdovna Oboliénskaia, efetuada por Denise Sales e Rodrigo Garay. A autora revela a importância da tradução literária tanto para a divulgação de determinada literatura nacional e sua cultura como para o sistema literário de recepção da tradução. Conforme as palavras da própria autora, “Ela [a tradução] dá ao texto original uma nova medida, introduz esse texto em outro sistema cultural, no qual existem outras orientações e “eixos de coordenadas”, e a própria tradução adquire, nesse novo sistema de coordenadas, uma vida completamente independente, nem sempre parecida com a vida do original”. Segundo a autora, a tradução literária pode ser comparada à execução de uma obra musical, em que a partitura é única e jamais muda, embora esteja sempre aberta a uma nova leitura por parte de um novo regente ou músico. O tradutor, assim como o maestro, “*muda o instrumento*, ou seja, ele toca a obra em outra língua”.

Esperamos que essa coletânea – que oferece reflexões tanto sobre o processo quanto sobre o produto da Tradução, a partir de variados referenciais teóricos – seja reveladora dos distintos olhares possíveis sobre a tradução em contextos culturais tão diferentes quanto o Japão e o Canadá, passando pela Rússia, pelos países da Europa Ocidental e pela América Latina. Do mesmo modo, almejamos que ela seja útil tanto aos professores como aos estudantes de Tradução, assim como aos tradutores profissionais, ao oferecer subsídios para uma reflexão aprofundada sobre o fazer tradutório.

Cleci Regina Bevilacqua e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução

Christiane Nord¹

Tradução de Cristiane Krause Kilian²

Revisão de Luciane Leipnitz e Renan Lazzarin³

O modelo e a sua representação

Como introdução, uma pequena história:

“Vão”, disse o velho mestre aos seus cinco aprendizes preferidos, quando sentiu que sua hora se aproximava, “e façam uma imagem de mim, que me mostre como eu realmente sou. E quem criar a imagem mais fiel será o meu sucessor, pois este terá compreendido o segredo da representação.”

E assim, os aprendizes puseram-se a trabalhar com dedicação. O primeiro pegou um simples pedaço de carvão e, com alguns traços, pôs no papel um desenho que mostrava o seu mestre trabalhando: movimento e entusiasmo e, ao mesmo tempo, concentração extrema. A segunda pintou com pincéis e tintas um retrato do mestre, no qual expôs todo o amor e a admiração que cultivava por ele. O terceiro criou um busto de bronze que um dia refletiria em um museu a fama do mestre. A quarta, muito perspicaz, fotografou o velho homem, sem que este a percebesse, enquanto estava à janela, perdido em seus pensamentos e contemplando o florido jardim; posteriormente ampliou a foto para o tamanho natural. O quinto, no entanto, pegou alguns tubos de tinta já usados, uma mecha de cabelos brancos e um chapéu de feltro amassado do venerado mestre e dispôs tudo de forma extremamente original em uma

¹ Traduzido a partir do texto “Loyalität statt Treue: Vorschläge zu einer funktionalen Übersetzungstypologie”, publicado inicialmente em *Lebende Sprachen* 34 (1989), de Gruyter, p. 100-105. Traduzido a partir da publicação em Nord, Christiane (2011) *Funktionsgerechtigkeit und Loyalität: Theorie, Methode und Didaktik des funktionalen Übersetzens*. Berlin: Frank & Timme, p. 11-27.

² Pesquisadora do Grupo Termisul, UFRGS, bolsista DTII - FAPERGS, junto à Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

³ Professora da Universidade Federal da Paraíba; aluno do Curso de Bacharelado em Letras - Tradução, Alemão.

paleta, também já usada, formando uma colagem. Quem dos cinco conseguiu produzir a imagem mais “fiel”?

Sobre a traduzibilidade de textos

Em geral, espera-se que uma tradução seja “fiel”, ou seja, que mostre como o texto de partida realmente é, que reproduza o que o texto de partida expressa. Mas isto é possível? “Se, em todas as línguas, tudo o que pode ser pensado pode ser expresso, a princípio aquilo que é expresso em uma língua pode ser traduzido para qualquer outra língua”. Para Koller (1979: 152), este é o “axioma da traduzibilidade”, já formulado anteriormente por Humboldt (cf. Klopfer 1967: 54-55).

Esse axioma, que representa uma opinião bastante difundida (cf. p. ex. Weinrich, 1970: 78: “Todos os textos são traduzíveis”), é muito interessante pelo fato de estar fundamentado em dois pilares bem instáveis: por um lado, desconsidera totalmente o fato de que aquilo que uma pessoa pertencente à cultura de partida (CP) “pensa” e “expressa” na língua de partida (LP) é marcado especificamente por essa cultura, de maneira que uma “tradução” de língua para língua de modo algum implica a invariância do que é “pensado” em uma cultura específica. Por outro lado, a validade do axioma depende significativamente daquilo que se entende por “tradução”.

É provável que aqueles que partem de uma exigência de “equivalência” entre o que é expresso no texto de partida (TP) e no texto de chegada (TC) (cf. Koller, 1979; Wilss, 1977; entre outros), ou seja, do ideal de uma reprodução “fiel” do TP através do TC logo esbarrem nos limites da traduzibilidade. Pois, como mostra o exemplo da história narrada no início, é quase impossível reproduzir “fielmente” ao mesmo tempo e com a mesma intensidade todos os ângulos e todas as características de um modelo: determinados materiais e técnicas (entenda-se aqui: processos e meios de expressão culturais que incluem os linguísticos) são mais (ou menos!) apropriados do que outros para a reprodução de características específicas. Deve-se considerar também que quem faz uma reprodução percebe principalmente o lado do modelo que está virado em sua direção e que lhe é especialmente importante e interessante. Além disso, cada um pode ter objetivos diferentes com a reprodução.

Assim, por um lado, tem-se a pergunta de como deve ser formulado o conceito de tradução para que leve em conta o atrelamento cultural de enunciados ou textos (de partida) e, por outro, como ele pode ser distinguido de outras formas de transferência cultural que não se pode chamar de “tradução” ou “translação”. Dito de outra forma: se uma tradução boa, correta e “verdadeira” é reconhecida por sua “fidelidade”, quão “fiel” ela deve ser? Ou ainda, a quem ela deve ser “fiel”?

O conceito tradicional de tradução: fidelidade = equivalência

Não apenas no entendimento do conceito na linguagem comum (ao qual acrescento também o entendimento de tradução dominante na Linguística e nos Estudos Literários, cf. DUW, 1983; Bussmann, 1983), mas também nos Estudos da Tradução, a “fidelidade” esperada de uma tradução parece ser geralmente equiparada à “equivalência”. Assim, por exemplo, Königs (1983: 6), em sua apresentação dos “conceitos centrais da atividade científica da tradução”, refere que a busca por equivalência estaria “no cerne da definição de tradução”, sendo equivalência entendida como “a maior correspondência possível entre o texto de partida e o texto de chegada”. Para mim, essa equiparação um tanto precipitada entre tradução e equivalência, parece ser a razão para o não avanço nas discussões em torno de fidelidade e liberdade na tradução. Isto porque os limites entre “fidelidade” e “fidelidade escrava” (cf. Senn, 1986: 55, com exemplos da tradução de Homero), por um lado, e entre “liberdade” e “abuso de liberdade” (ou seja, paráfrase ou adaptação; reescritura ou “simplesmente” adaptação livre), por outro lado, são estabelecidos quando há um grau “demasiado” alto de fidelidade ou liberdade e já não há mais equivalência. Também a tentativa de W. Benjamin (1972: 20) de tomar a “lei da fidelidade na liberdade” como princípio para o seu conceito de tradução, ancorado na palavra como “elemento primário do tradutor”, não contribui para um melhor esclarecimento.

O conceito de equivalência pertence ao grupo dos conceitos mais mutantes e mais interpretados (ou interpretáveis) nos Estudos de Tradução. Ele implica exigências em todos os níveis textuais: no nível externo (pragmático) do texto, há a exigência da “mesma função” do TP e do TC e da transmissão “ao mesmo receptor” (?); as características internas do texto - conteúdo e forma - são contempladas na exigência de que o TC deve “refletir”, “reproduzir”, “imitar” o TP, “expressar sua beleza”, etc.; e a alternância entre fatores internos e externos ao texto, o efeito, é contemplado quando se interpreta equivalência como “identidade de sentido”, “igualdade de valor (equi-valência)” e “igualdade de efeito” entre o TP e o TC. A prática mostra que essas exigências muito raramente são compatíveis.

Claro está que a insatisfação com o conceito de equivalência, tão difícil de ser apreendido, não é algo novo. Desde a formulação de Nida para a *dynamic equivalence* (Nida, 1964), passando pela especificação de Koller em equivalência denotativa, conotativa, textual, pragmática e formal (1979: 187 et seq.), tem-se uma trajetória por vezes sinuosa que leva à “equivalência no nível textual” de Neubert (1985), que deve compensar a não equivalência nos níveis mais inferiores, bem como à delimitação da equivalência com a ajuda de conceitos próximos como adequação e correspondência (Turk, 1988).

Redefinições pontuais (como os diferentes “tipos” de equivalência em Koller), no entanto, não trazem, segundo minha experiência, alterações sig-

nificativas na tão criticada imprecisão (não apenas no nível interlingual, mas também no nível intralingual) do conceito (cf. Snell-Hornby, 1986: 16). A equivalência continua sendo equiparada à fidelidade e traduções (principalmente traduções literárias) ainda são avaliadas segundo apresentem ou não equivalência em relação ao TP.

Traduzir e adaptar

Em um entendimento de tradução pelo viés da equivalência, TCs que não correspondem à exigência da equivalência são descartados do âmbito da tradução “propriamente dita” e são considerados um outro tipo de tradução (p. ex. tradução interlinear) ou “adaptação” (cf. Koller, 1979: 89).

Nesse contexto, deve-se, em primeiro lugar, fazer a distinção entre formas ou tipos de tradução e procedimentos ou técnicas de tradução. Seguindo a *stylistique comparée* (cf. entre outros Vinay/Darbelnet, [1958] 1971), os procedimentos de tradução dividem-se em procedimentos literais (p. ex. decalque ou substituição⁴) e procedimentos não literais (p. ex. transposição e modulação). Referem-se à transformação de “elementos textuais abaixo do nível do texto”. Tradução interlinear e adaptação livre são, no entanto, tipos de tradução (ou “formas de transferência textual interlingual”) e referem-se a textos e suas funções, bem como à relação entre textos.

Reiss (1985: 281) dá um importante passo em direção a uma concepção diferenciada e a uma delimitação dos diferentes tipos de tradução com seu esquema hierárquico dos procedimentos de tradução. Ela demonstra como o uso de procedimentos “literais” e a combinação destes com os “não literais” (que, segundo ela, englobam o conceito de “paráfrase”) levam aos cinco tipos de tradução: tradução interlinear ou palavra por palavra, tradução literal, tradução filológica, tradução comunicativa e tradução adaptada.

O esquema por ela proposto dá a entender que todas as formas de transferência textual mencionadas são consideradas “traduções”. A partir de seus comentários – principalmente na parte dedicada aos exemplos, na qual são discutidas paráfrases “legítimas” e “ilegítimas” – pode-se inferir que Reiss considera a sua “tradução comunicativa” como o verdadeiro tipo de tradução. Por outro lado, isso confirma a hipótese formulada acima de que o conceito de tradução ainda é dominado pela concepção de equivalência, mesmo que implicitamente.

Além disso, considero problemática a terminologia (utilizada não apenas por Reiss) relacionada às expressões “comunicativa” e “adaptada”: “comunica-

⁴ Para Vinay e Darbelnet (1958), substituição é sinônimo de “tradução direta” e engloba os três procedimentos de empréstimo, decalque e tradução literal. [NT]

tiva”, segundo meu entendimento, é toda a forma de transferência textual intercultural, desde que, através da transferência textual, seja possível uma ação comunicativa entre os participantes de uma mesma cultura ou de culturas diferentes. Por exemplo: uma filóloga da cultura de chegada e conhecedora da língua de partida que, através da tradução interlinear, quer passar informações sobre as particularidades morfológicas e sintáticas da língua de partida; ou um tradutor que quer mostrar para os integrantes de uma cultura de chegada como um autor da cultura de partida se comunica com seus conterrâneos sobre um determinado tema; ou ainda uma autora da cultura de partida que, com a ajuda de sua obra (traduzida), quer mostrar aos integrantes de uma outra cultura algo sobre um tema específico e seu posicionamento em relação a isso – todos eles, através da transmissão de uma mensagem, estabelecem comunicação. No entanto, a mensagem trata de coisas diferentes: do sistema de uma língua específica, de uma ação comunicativa (passada), de um determinado tema.

Principalmente o termo “tradução adaptada” me parece enganoso: com exceção da transcrição, na qual um TP é retomado sem alteração linguística no TC (p. ex. em citações científicas que aparecem no original supondo conhecimento linguístico suficiente do público da LC), ocorre, em toda a forma de transferência textual intercultural, algum tipo de adaptação, contanto que não sejam necessárias substituições automáticas, mas sim decisões tradutórias pragmaticamente condicionadas.

Na tradução interlinear, o tradutor tem que escolher entre os sinônimos aquele que será compreendido pelo destinatário (p. ex. “Scanner” ou “Abtasteinrichtung”, em alemão, para “scanner”, em inglês, cf. Koller 1979: 161)⁵; na tradução literal, são transpostas as estruturas sintáticas da língua de partida para as quais não há correspondência formal na LC; na tradução filológica, a adaptação pode ocorrer na forma de comentários ou acréscimos, através dos quais o déficit de conhecimento do público da tradução pode ser compensado. Na “tradução comunicativa”, que busca a invariância de função entre TP e o TC, características textuais (p. ex. estrutura textual) frequentemente precisam ser adaptadas às convenções e expectativas da cultura de chegada. Por fim, a tradução “adaptada”, que, segundo Reiss, caracteriza-se pelo fato de que a função do TP e do TC não deve (ou não pode) ser mantida, exige, paradoxalmente, muitas vezes, menos “adaptação” do que todas as outras formas: na utilização de um texto em uma situação comunicativa da cultura de partida em uma situação comunicativa da cultura de chegada, pode-se partir, geralmente, de uma função modificada (em diferentes graus), principalmente quando não há ou quando há poucas alterações no texto.

⁵ Koller (1979) refere-se aqui aos sinônimos em alemão que apresentam uma palavra estrangeira (“scanner”) e uma forma vernácula (“Abtasteinrichtung”) para uma mesma palavra na LP (“scanner” em inglês). Em português, podemos mencionar os sinônimos “e-mail” ou “correio eletrônico” para “e-mail”, em inglês.

Se, no entanto, a “adaptação” é parte integrante do processo de tradução, deve-se perguntar sobre os critérios norteadores para a adaptação. Essa pergunta será examinada a seguir sob a ótica de uma concepção de tradução guiada pela função.

A tradução funcional: lealdade em vez de fidelidade

Segundo uma concepção funcional, tradução ou translação é a produção de um texto na língua de chegada (LC) que considera a função textual relacionada a um TP existente, sendo que essa relação é especificada de modo diferente, de acordo com o escopo da tradução (a função do TC pretendida ou exigida). A translação possibilita uma ação comunicativa que, em razão das barreiras culturais e linguísticas existentes, não poderia acontecer sem ela (cf. Nord, [1988] 2009: 30).

Traduz-se, portanto, para uma situação de chegada com seus fatores determinantes (receptor, local, tempo da recepção, etc.), na qual o translatato deve preencher uma função a ser especificada e especificável antes do processo de tradução. Se o translatato realmente cumpre essa função, pode-se então falar posteriormente de “funcional”. O receptor da tradução e o cliente esperam que o tradutor entregue um translatato funcional.

Além da funcionalidade como objetivo maior, há também a exigência de certo “vínculo” com o TP. A forma e o grau (qualidade e quantidade) do vínculo determinam, dependendo do objetivo da tradução, quais elementos do TP podem (adaptação facultativa) ou devem (adaptação obrigatória) ser “preservados” e quais “alterados”, ou seja, “adaptados”. Se, tendo um escopo de tradução determinado, esse vínculo não é possível ou não é permitido, não pode haver tradução.

A translação depende, portanto, da compatibilidade do escopo do translatato com o TP. Essa compatibilidade é determinada culturalmente. Na nossa cultura, o escopo do translatato não pode contrariar a intenção do autor do TP, pelo menos não quando este, na situação de chegada, também “assina” como emissor do translatato (isso ocorre principalmente para o tipo textual descrito por Reiss como expressivo, mas também para textos “com autoria determinada” que pertencem ao tipo informativo). Espera-se de tradutores que eles não “deturpem” a intenção do autor.

Visto que tradutores lidam com participantes de uma ação (cliente, público da cultura de chegada, autor(a) do TP) que esperam um TC condizente com a função e com certo vínculo com o TP e que não têm condições de verificar se o TC entregue corresponde a essas condições, os tradutores devem lealdade aos participantes da ação. Estes precisam poder acreditar que o encargo foi executado da melhor maneira possível.

Ao entender-se um texto (cf. Reiss, Vermeer, 1984: 122 e outras) como “oferta de informação de um emissor para um receptor” (sendo que “informação” deve ser entendida aqui em sentido bem amplo), um translatato é uma “oferta de informação sobre uma oferta de informação”, portanto, uma oferta secundária de informação, mas que simula ser uma oferta primária de informação e não se deixa reconhecer no texto como tal (mas externamente sim, na maioria dos casos) (cf. Reiss, Vermeer, 1984: 88 et seq.).

A oferta (secundária) de informação “translatato” pode, em princípio, apresentar duas constelações funcionais em relação à oferta primária de informação “texto de partida” (e com isso são mencionadas as duas abordagens distintas que já antes de Cícero dividiam os teóricos da tradução em dois fronts: os seguidores da fidelidade e os seguidores da liberdade). O texto de chegada pode ser documento ou “protocolo” de uma ação comunicativa precedente, na qual o texto de partida funciona (funcionou) como oferta de informação, ou ser instrumento de comunicação em uma nova ação comunicativa, para o qual o texto de partida fornece a oferta de informação.

A diferenciação corresponde, superficialmente, à distinção de House (1981: 188 et seq.) entre *overt translation* e *covert translation* (de maneira similar, Güttinger [1963: 40] distingue entre tradução “erudita” e tradução “viva”). No entanto, discordando de House, não acredito que a decisão sobre a função da tradução é resultante das *different characteristics* do TP, mas sim – o que House (1981: 202) reserva para *specific purposes* – do “encargo de tradução”, cuja exequibilidade (= compatibilidade com o TP) é avaliada pelo tradutor.

Ao contrário de House, não acredito que, na tradução em “função instrumento”, o TC funcione automaticamente como mesmo instrumento que o TP, tendo a mesma função (House fala em *equivalent function*), pois, assim, esbarriaríamos novamente na equivalência. Acredito muito mais que o TC pode ser usado em qualquer função instrumento, que seja compatível com a função do TP. Assim, pode-se exigir que os tradutores expliquem a relação entre o TP e o de TC ou que caracterizem o seu translatato como um tipo especial de tradução.

De acordo com o que nossa cultura entende por compatibilidade, é condição para uma tradução instrumental que a intenção comunicativa do autor ou emissor do TP não esteja fixada somente e de forma específica na situação de partida e no receptor previsto do TP, mas que também possa ser transferida para a situação de chegada e no sentido de que o tradutor possa fazer, para o público de chegada, uma oferta de informação plausível sobre a oferta de informação do TP. A oferta de informação do TC deve, de certa forma, estar contida na oferta de informação do TP. Todas as funções do TP que são realizáveis e que podem ser combinadas entre si na cultura de chegada devem ser preservadas, sendo, no entanto, permitida uma valoração diferente das funções. Se isso não for possível, então deve ser feita uma tradução documento; esta é sempre possível.

Textos ou gêneros textuais que não tenham “autoria determinada” ou cuja autoria esteja subordinada à função ou à relação com o receptor (textos do tipo “informativo” e “operativo”, segundo Reiss, 1976) podem ser traduzidos tanto de forma documental quanto instrumental. Na tradução documento, exige-se uma “documentação” (externa ao texto) da situação do TP, que simultaneamente indique aos receptores do TC a função tradutória com a qual estão envolvidos.

Uma tipologia funcional da tradução

Em uma transferência textual intercultural, é necessário diferenciar entre transferência em função documental e transferência em função instrumental. Nos dois tipos de transferência, deve-se determinar, dependendo do objetivo e do enfoque, as diferentes formas de transferência, para as quais são empregados diferentes processos de transferência (também de forma combinada). A tipologia é apresentada a seguir com exemplos e posteriormente resumida no Quadro 1.

Tipo 1: Tradução documental

A tradução documental tem a função de documentar uma ação comunicativa, que ocorre em uma cultura A submetida a determinadas condições situacionais, e levar ao receptor meta certos aspectos da ação comunicativa precedente. Como enfoque da documentação podem figurar algumas características ou categorias do TP, sendo que outras podem aparecer obrigatoriamente em segundo plano ou serem totalmente desconsideradas. Neste tipo de tradução podemos ter as seguintes formas de transferência intercultural:

a) Tradução palavra por palavra (também: tradução interlinear)

Na tradução interlinear, o enfoque está nas categorias das estruturas morfológicas, lexicais e sintáticas que são representadas com elementos da língua de chegada. Não são considerados os níveis oracional e textual, bem como a situação e a função textual, de maneira que muitas vezes não há coerência (no sentido de compreensão). Ao público meta são transmitidos conhecimentos sobre o sistema linguístico da língua de partida (cf. Reiss, 1985: 281).

Exemplo 1:

Then Belisarius ordered the bugles to be blown for a general assembly, and addressed the troops as follows: “Men of the Imperial and allied forces! What dog has bitten you that you have sent your officers to me with so mad a request? [...]”

Dann Belisarius befahl die Signalhörner zu werden geblasen für eine allgemeine Versammlung und sprach an die Truppe wie folgt: “Was

Hund hat gebissen euch dass ihr habt gesandt eure Offiziere zu mir mit so verrückt einer Bitte? [...]” (Fischer-Lexikon-Sprache, 1961: 111)

Nas aulas de língua estrangeira, a tradução palavra por palavra é praticada, por exemplo, no contexto da versão induzida, com a finalidade de testar o domínio das estruturas da língua estrangeira por parte dos alunos (Exemplo: *Er schaut sich in den Spiegel* para a indução a *Se mira al espejo*, em Halm/Moll Marqués, 1965: 47). Nos primórdios da tradução bíblica, a tradução interlinear era vista como única forma apropriada de tradução (cf. Wilss, 1977: 36), já que ela deixava o “texto sagrado” o mais intocado possível.

b) Tradução literal (também: tradução gramatical)

A tradução literal (termo usado por Wilss, 1977: 105) se diferencia da tradução palavra por palavra na medida em que as estruturas sintáticas da língua de partida, nos casos em que não há correspondência formal na língua de chegada, não são reproduzidas, mas são substituídas por estruturas da língua de chegada que apresentam o mesmo significado (“transposição obrigatória”). Assim, na documentação, o nível oracional e geralmente também o textual são considerados, de maneira que seja possível uma construção do sentido imamente ao texto. Aqui a situação e a função textual não são consideradas. Toury (1980: 85 et seq.), por exemplo, emprega uma tradução literal para o inglês, para mostrar, a um leitor de fala inglesa, certas características semânticas de diferentes traduções para o hebraico de “Max und Moritz”, de Wilhelm Busch:

Exemplo 2:

They smell the meal.
They peep through the chimney,
without heads, without throats the cock
and each one of the hens
are already in the pan.

Max und Moritz in the meantime,
have already seen the stove,
and the smell of tasty roast meat
went into the noses of the naughty children.

(Durch den Schornstein mit Vergnügen
Sehen sie die Hühner liegen.
Die schon ohne Kopf und Gurgeln
Lieblich in der Pfanne schmurgeln.)

c) Tradução filológica

A tradução filológica (termo usado por Reiss, 1985, também tradução “estrangeirizadora” ou “erudita”, cf. Güttinger, 1963: 28) é vista, segundo uma observação muito citada feita por Ortega y Gasset, como “remédio amargo” (na tradução de Kilpper em Ortega y Gasset, 1956: 87) para se chegar ao original. Nesse tipo de tradução, segundo a descrição de Ortega para a tradução de sua própria obra para o alemão – e que provavelmente seguiu esse princípio –, “a tolerância gramatical da língua alemã é forçada até o limite para capturar exatamente o que, em meu modo de dizer, não é alemão. Desta maneira o leitor acaba compreendendo, sem esforços, movimentos de pensamento que são mesmo espanhóis.” (Ortega y Gasset, 1977: 77). E com a frase seguinte Kilpper, o tradutor de Ortega, exige de seus leitores:

Exemplo 3:

Und ich, für meinen Teil, habe das Gefühl, dass Sie eine Art letzter “Abencerrage” sind, ein letzter Überlebender einer ausgestorbenen Fauna, da Sie einem anderen Menschen gegenüber fähig sind, zu glauben, dass der andere und nicht Sie selbst recht haben [sic]. (Ortega y Gasset, 1956: 19)⁶

Para uma tradução filológica funcional deveria haver ainda uma nota de rodapé com esclarecimentos sobre a expressão “Abencerrage”. Dessa forma se documentaria ainda o conhecimento prévio do receptor do TP pressuposto no texto. Essa forma de tradução é encontrada com relativa frequência em edições bilíngues.

d) Tradução exotizante

Considero “tradução exotizante” todas as variantes da tradução “comunicativa” (segundo Reiss, 1985) que representam o TP em sua situação (inclusive o receptor do TP) e com sua função “original”, sendo que essa função, diferentemente do que considera Reiss (1985: 281), não permanece constante para além das barreiras culturais, pois o estranho é aceito e, num sentido de efeito exótico, até desejável. Aqui a tradução de “he kissed his daughter on the mouth” seria “il embrassa sa fille sur la bouche”, pois essa forma de cumprimento entre pai e filha tem, no leitor francês, um efeito estrangeirizador, mas preserva o “colorido local” do TP (ver posição contrária em Koller, 1979: 165, que empregou o exemplo de Vinay e Darbelnet [1957], 1971: 53). Textos literários em geral têm sido traduzidos de forma exotizante (cf. Reiss, 1977: 499).

6 No original em espanhol: “Y yo, a mi vez, entreveo que es usted una especie de último abencerraje, último superviviente de una fauna desaparecida, puesto que es usted capaz, frente a otro hombre, de creer que es el otro y no usted quien tiene razón.” [NT]

Tipo 2: Tradução instrumental

Na tradução instrumental, o *translato* atua, em uma nova ação comunicativa na cultura de chegada, como “instrumento” para alcançar um objetivo comunicativo, sem que os receptores do TC precisem ter consciência de que têm diante de si um texto “novíssimo”, mas um texto que, em uma outra ação comunicativa e de uma outra forma, já tenha servido de instrumento. Eles não sabem, portanto, se a função do texto nessa ação comunicativa anterior era a mesma esperada para o texto que têm diante de si, mas avaliam se esse texto é funcional para eles. Dessa maneira os receptores dependem, em relação à compatibilidade com as funções do TP, da lealdade do *translator*.

No tipo de tradução instrumental encontram-se as seguintes formas de transferência intercultural:

a) Tradução equifuncional

A esse grupo pertencem aquelas formas relativas à tradução “comunicativa” de Reiss, nas quais o TC, em uma situação semelhante, pode realmente ser o mesmo instrumento e, com ele, o mesmo objetivo comunicativo do TP pode e deve ser atingido. Um exemplo para essa forma seria a tradução de “he kissed his daughter on the mouth” para “il serra tendremente sa fille dans ses bras”, pois a situação (interna ao texto, fictícia) é adaptada ao mundo do novo receptor e assim passa a ter, para o receptor do TC, o mesmo “valor comunicativo” que tinha para o receptor do TP. Atualmente, a maioria dos textos não literários (especializados, manuais de instruções, correspondência comercial, etc.) são traduzidos dessa forma – desde que não haja exigências diferentes no contrato. Nessa forma também são feitas geralmente as interpretações. Para que a função instrumental possa ser desempenhada na cultura de chegada, o TC deve ser elaborado de acordo com as convenções do gênero textual e demais convenções da cultura de chegada.

b) Tradução heterofuncional

Aqui se encontram as formas pertencentes à categoria de tradução “adaptativa” de Reiss, nas quais o TC não pode desempenhar a mesma ou as mesmas funções na mesma hierarquia ou proporção como no TP, porque não há, na cultura de chegada ou por parte do público pretendido, condições para tal. São as formas nas quais o TC desempenha uma ou mais funções do TP, mas eventualmente em outras proporções.

Como exemplo, pode-se mencionar a tradução de J. Swifts de *A Voyage to Liliput* como livro infantil, o que possivelmente tenha possibilitado a “sobrevivência” da obra (cf. van den Broeck, 1980: 91: “In some cases the solution

for literary texts to survive seems that they are deliberately misunderstood, that is to say that they are uses 'in a way the author had never dreamt of'⁷), já que a função de sátira à sociedade não pode mais ser recuperada pelo leitor da cultura de chegada atual (bem como pelo leitor da cultura de partida atual).

c) Tradução homóloga

A essa categoria pertencem as traduções de textos artísticos (cf. Senn, 1986 "transposições") e traduções livres, que assumem, no contexto da cultura, literatura e língua de chegada, um valor próprio, que deve ser analisado em analogia ao valor do TP. As relações intertextuais do translato com outros textos da cultura de chegada tem aqui preferência sobre a relação intertextual entre o TP e o TC. Para a tradução homóloga é válido, substituindo "língua" por "cultura" ou "literatura", o que diz Benjamin (1972: 16):

A tradução não se encontra, porém, como a poesia, no próprio interior da floresta da língua, mas sim fora dela, na sua frente, e sem adentrar, ela chama o original para aquele lugar único, no qual o eco pode fazer ressoar uma obra de língua estrangeira na sua própria língua ...

Como exemplo, podem-se mencionar as traduções de Baudelaire feitas por Benjamin e as traduções de Shakespeare feitas por Stefan Georg – TCs, cujo *status* de tradução é discutível (Sander, 1983: 53, refere-se à tradução de Virgílio feita por Schiller em verso livre como "paráfrase arbitrária") e, apesar de seu vínculo peculiar com o TP, não lhe é privado o *status* de uma obra literária autônoma na cultura de chegada. É exatamente isso que leva a considerá-la "livre demais" para ser digna de ter a denominação "tradução". Não pode uma tradução ser uma obra de arte?

Também uma tradução livre pode cumprir, seguindo o conceito de tradução funcional, as exigências de compatibilidade com as funções do TP, se o TC se converte em um "análogo" do TP. Sua "fidelidade" ou "função representativa" refere-se, nesse caso, à intenção do autor do TP em relação ao valor (literário) e efeito (literário) do TP. Contanto que o efeito pretendido pelo(a) autor(a) do TP ou elementos essenciais desse efeito possam atingir o público de chegada, em uma tradução livre, a lealdade do tradutor em relação ao receptor do TC e ao autor do TP também está garantida. O translator é um "contador" que emprega sua própria criatividade e fantasia ao narrar, para aproveitar artisticamente o potencial da cultura e língua de chegada.

⁷ Em português: "Em alguns casos, a solução para a sobrevivência de textos literários parece ser o fato de eles serem deliberadamente mal interpretados, ou seja, são usados de uma maneira a qual o autor nunca teria imaginado".

Limites da Tradução

Os limites da tradução são estabelecidos através da quantidade e qualidade da adaptação e do vínculo com o TP: uma repetição idêntica do TP (transcrição) não é, pois, uma forma de tradução (apesar de ser um *procedimento* de tradução aceitável, por exemplo, para nomes próprios), já que não há nenhuma adaptação.

Se o TC é usado em uma ação comunicativa, na qual ele deve desempenhar uma ou mais funções, que não sejam, como descrito acima, compatíveis com as funções do TP ou com a intenção do emissor do TP, então também não se trata, a meu ver, de tradução, mas sim de uma outra forma de transferência textual intercultural que eu prefiro chamar de "versão"⁸ (sobre o termo, cf. Hollander, 1966: 220).

Não é preciso tratar de casos tão espetaculares como paródia ou farsa, pois há exemplos menos "chamativos" como a versão alemã do livro de Ernesto Cardenal *In Kuba. Bericht von einer Reise* (Trad. A. Schwarzer de Ruiz, Wuppertal, Peter Hammer, 1972; Original: *En Cuba*: Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1972), chamada de "tradução". O louvor subjetivo e engajado à Cuba de Fidel, que o autor traz de forma manifesta, é diluído em um relato de viagem distanciado e monótono, no qual o leitor é levado constantemente a lembrar-se que nem tudo que reluz é ouro (cf. Grohmann, 1976). A tradutora faltou com o seu dever de lealdade ao autor, mas também ao receptor do TC, que, após a leitura do livro, chega à conclusão errônea de que Ernesto Cardenal não tinha, de maneira alguma, uma atitude positiva em relação ao regime de Fidel Castro.

Conclusão

Voltemos, ao final, ao mestre e seus cinco aprendizes. Cada um tentou, de acordo com seu entendimento, elaborar uma réplica fiel daquilo que considerava ser a "essência" do mestre. O desenho a carvão e a fotografia em tamanho natural têm, de certa forma, uma função "documental": o desenho a carvão mostra o mestre no seu trabalho, "em função", enquanto a fotografia acentua um outro aspecto de sua personalidade e, ao mesmo tempo, representa sua situação e seu ambiente, que contribuem para a caracterização. Assim, outros aspectos passaram necessariamente para um segundo plano. As outras três "representações" são, por sua vez, "instrumentos" para cada um dos diferentes objetivos: o retrato pintado mostra não apenas o mestre, mas atesta também algo sobre sentimentos que ele pode despertar nos seus aprendizes, ou seja,

⁸ John Hollander usa o termo "version", em inglês, para referir-se a um tipo de adaptação bem distante do original. [NT]

sobre seu “efeito”; o busto de bronze deve dar a conhecer permanentemente a fama do mestre e, por isso, foi ajustado às convenções válidas para as peças de museu. Não é uma falha que não irradie vitalidade e criatividade, como o faz, por exemplo, o desenho a carvão. Por fim, a quinta representação, a colagem, pode ser encarada em uma relação simbólica, talvez também associativa, com o “modelo”. Dentro do contexto da arte moderna, essa colagem representa, no entanto, o mestre em sua época e com seu trabalho. Ela é, com certeza, a que mais se pode comparar com a “tradução homóloga”, a tradução livre.

Não queremos exagerar nos exemplos: todas as cinco representações são “fiéis”, no sentido de que elas têm como princípio a lealdade dos artistas, tanto em relação ao modelo quanto em relação ao objetivo do fazer de cada um. Uma tradução “fiel” não se constitui em representar todo o TP (na medida em que ele exista) com a mesma situação, função e efeito, considerando conteúdo e forma, etc., mas sim em informar sobre as características relevantes do TP para o contexto de chegada, preservando a lealdade ao emissor do TP e ao receptor do TC.

Na tradução, portanto, trata-se não de um conceito absoluto de “fidelidade” a um texto (!), mas de diferentes maneiras de produção de um translato funcional levando em conta o princípio (ético) da lealdade aos participantes envolvidos.

QUADRO 1: Tipologia funcional da tradução

TRANSFERÊNCIA INTERCULTURAL DE TEXTOS					TRADUÇÃO INSTRUMENTAL			VERSÃO
	TRANS- CRIÇÃO	TRADUÇÃO DOCUMENTAL						
Forma	Repor- dução idêntica	Trad. pa- lavra por palavra	Trad. literal	Trad. filológica	Trad. exotizante	Trad. equi- funcional	Trad. hete- rofuncional	Trad. homóloga
Finalidade	Reprodução da grafia da LP	Reprodução do sistema da LP	Reprodução da forma do TP	Reprodução da forma e do conteúdo do TP	Reprodução da forma, do conteúdo e da situação	Obtenção da função de partida no receptor de chegada	Obtenção de função(ões) compatível(eis)	Obtenção de efeito homólogo
Enfoque	Características gramáticas da LP	Estruturas morfológicas, lexicais e sintáticas da LP	Palavras, sintagmas e frases do TP (e texto?)	Sintagmas, frases, texto (e situação?) do TP	Frases, texto, situação e cultura do TP	Função(ões) do TP na situação de partida	Função(ões) do TP na situação de chegada	Função(ões) do TP na literatura de chegada
Procedimento	Transcrição	Substituição	Substituição e paráfrases pontuais	Substituição, paráfrases sintáticas e semânticas pontuais e comentário (externo)	Substituição e paráfrases sintáticas e semânticas obrigatórias	Substituição, paráfrases sintáticas e semânticas obrigatórias e facultativas (=interno)	Substituição, paráfrases sintáticas e semânticas obrigatórias e facultativas (=adaptação)	Substituição, paráfrases e novas formulações sem lealdade

Bibliografia

- Benjamin, Walter (1972): “Die Aufgabe des Übersetzers.” In: *Gesammelte Schriften*. Organizado por Tillmann Rexroth. vol. IV.1. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 9-21.
- Bussmann, Hadumod (1983): *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart: Kröner.
- DUW (1983): *Deutsches Universal-Wörterbuch*. Mannheim: Dudenverlag.
- Grohmann, Sabine (1976): *Übersetzungskritik zu Ernesto Cardenal, En Cuba - In Kuba: Bericht von einer Reise*. Traduzido por A. Schwarzer de Ruiz. Não publicado. Tese. Heidelberg: Institut für Übersetzen und Dolmetschen.
- Güttinger, Fritz (1963): *Zielsprache*. Zürich: Manesse.
- Halm, W. / Moll Marqués, J. (1965): *Modernes Spanisch*. München: Hueber.
- Hollander, John (1966): “Versions, interpretations and performances.” In: Brower, R.A. [org.]: *On translation*. Oxford: University Press. 207-231.
- House, Juliane (1981): *A model for translation quality assessment*. 2. ed. Tübingen: Narr.
- Kloepfer, Rudolf (1967): *Die Theorie der literarischen Übersetzung*. München: Fink.
- Koller, Werner (1979): *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: Quelle & Meyer (= UTB 819)
- Königs, Frank G. (1983): “Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen, Teil 1.” *Lebende Sprache* 28 (1983), 1, 6-8.
- Neubert, Albrecht (1985): “Maximale Äquivalenz auf Textebene?” *Linguistische Arbeitsberichte* 47 (1985), 12-23.
- Nida, Eugene A. (1964): *Toward a science of translating with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill.
- Nord, Cristiane ([1988]2009): *Textanalyse und Übersetzen: Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. 4. ed. rev. e atual. Tübingen: Stauffenburg.
- Ortega y Gasset, José (1956/1977): *Miseria y esplendor de la traducción / Elend und Glanz der Übersetzung*. Traduzido por G. Kilpper (1956) e por K. Reiss (1977). Ebenhausen b. München: Langenscheidt zweisprachig.
- Reiss, Katharina (1976): *Texttyp und Übersetzungsmethode: Der operative Text*. Kronberg: Scriptor.
- _____, Katharina (1977): “Die literarische Übersetzung als Kommunikationsleitungen.” In: Bender, Karl-Heinz / Berger; Klaus / Wandruszka, Mario [org.]: *Imago linguae. FS für Fritz Paepcke*. München: Fink. 487-501.
- _____, Katharina (1985): “Paraphrase und Übersetzung. Versuch einer Klärung.” In: Gnllka, Jochen / Rüger, H. P. [org.]: *Die Übersetzung der Bibel - Aufgabe der Theologie*. Bielefeld: Luther-Verlag.
- _____, Katharina / Vermeer, Hans J. (1984): *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.

- Sander, Ernst (1983): "Vom Übersetzen ins Deutsche." In: Koch, H.-A. [org.]: *Sprachkunst und Übersetzung. Gedenkschrift für Ernst Sander*. Frankfurt am Main etc.: Peter Lang. 45-71.
- Senn, Fritz (1986): Literarische Übertragungen - empirisches Bedenken. In: Snell-Hornby, Mary [org.]: *Übersetzungswissenschaft - eine Neuorientierung*. Tübingen: Francke. 54-84.
- Snell-Hornby, Mary (1986): "Übersetzen, Sprache, Kultur". In: Snell-Hornby, Mary [org.]: *Übersetzungswissenschaft - eine Neuorientierung*. Tübingen: Francke. 9-29.
- Toury, Gideon (1980): "Toward descriptive translation studies: goals, procedures, and some basic notions." In: Ders. (1980): *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University, 79-88.
- Türk, Horst (1988): "Adäquatheit, Äquivalenz, Korrespondenz. Der kategoriale Rahmen der Übersetzungsanalyse." In: Arnzt, Reiner [org.]: *Textlinguistik und Fachsprache. AILA-Symposien Hildesheim 13-16.4.1987*. Hildesheim: Olms. 87-99.
- Van den Broeck, Raymond (1980) "Toward a text-type-oriented theory of translation". In: Wilss, Wolfram / Poulsen, Sven-Olaf [org.]: *Angewandte Übersetzungswissenschaft*. Århus: Handelshochschule. 82-96.
- Vinay, Jean-Paul / Dalbérnet, Jean ([1958]1971): *Stylistique comparée du français et de l'anglais. Méthode de traduction*. Paris: Didier.
- Weinrich, Harald (1970): "Erlernbarkeit, Übersetzbarkeit, Formalisierbarkeit." In: Pilch, Herbert / Richter, Helmut [org.]: *Theorie und Empirie in der Sprachforschung*. Basel-München-Paris-New York: Karger. 76-80.
- Wills, Wolfram (1977): *Übersetzungswissenschaft: Probleme und Methoden*. Stuttgart: Klett.

Contribuições da formação acadêmica à tradução

Estela Lalane Servente¹

Tradução de Mariana Santana Duarte²

Revisão de Maria Lúcia Machado de Lorenci³

Neste trabalho, tentarei destacar a enorme importância que tem a formação acadêmica do tradutor e, estendendo-me a outros âmbitos, de todos os profissionais que trabalham com a palavra (tradutores, revisores, mediadores linguísticos, redatores especializados, entre outros), tanto para o exercício da profissão como para sua formação.

Como é impossível abordar, neste espaço, todos os aspectos relacionados à formação acadêmica, comentarei somente dois deles que estão intimamente vinculados com duas das principais fases da atividade tradutora: a compreensão do texto original e a correta expressão do conteúdo do texto na língua meta. Por que afirmo que são duas das principais fases de nossa atividade? Tentarei resumir a resposta em duas máximas, expressadas de maneira excelente pelo doutor Valentín García Yebra:

- Não se pode traduzir bem o que se compreendeu mal – fase da compreensão.
- Pode-se traduzir mal o que se compreendeu bem – fase da expressão.

Em relação à fase de compreensão, como bem sabemos, o trabalho de tradução nos confronta com uma variedade de temas correspondentes a diversas áreas de conhecimento. Mesmo quando o tradutor se especializa numa área

¹ Professora da Fundación Litterae e do Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires. Título original: Aportes de la formación académica a la traducción. Texto apresentado na Jornada do Dia do Tradutor, organizada pelo Colegio de Traductores da Provincia de Santa Fe, em 11 de outubro de 2011.

² Aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Tradução, Espanhol.

³ Professora do Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, UFRGS.